SemeAd 2024
XXVII Seminários em Administração

05, 06, 07 e 08 de novembro de 2024
ISSN 2177-3866

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CONCEITO DE ENDIVIDAMENTO NA VISÃO DAS MULHERES

VIVIAN MOURA DA COSTA
PROGRAMA DE POS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - PPGA UECE

LUIZ ALVES DA SILVA CRUZ NETO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

VERONICA PEÑALOZA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CONCEITO DE ENDIVIDAMENTO NA VISÃO DAS MULHERES

1 INTRODUÇÃO

A relação consumo e crédito tem um caráter de centralidade na vida cotidiana das pessoas. Em uma sociedade, onde os objetos são dotados de valor, de signo e conferem *status* aos seus portadores (Baudrillard, 2005), os sujeitos são continuamente estimulados a realizarem novas aquisições para poderem se sentir reconhecidos socialmente (Da Silva Lyra, 2001). Esta lógica da sociedade de consumo toma como critério a capacidade de consumir para realizar a inclusão ou exclusão social dos indivíduos (Bauman, 2008).

Neste sentido, o crédito surge como mecanismo de estímulo para essa sociedade de consumidores (Fontenele, 2017) e instrumento de escape do isolamento social. Conforme Bauman (2010), o crédito proporciona ao sujeito a liberdade de obter as coisas quando desejar e não quando ganhar ou poupar o suficiente, preponderando uma cultura de consumo de gratificação imediata dos desejos. No entanto, essa cultura de consumo alimenta um sistema financeiro que depende, cada vez mais, de um número crescente de indivíduos endividados, estimulando um sistemático ciclo de tomada de crédito (Bauman, 2010; Lazzarato, 2017).

Conforme exposto no estudo de Hennigen (2019), o endividamento tem uma série de implicações. Uma delas é o mal-estar psicológico, sentimentos de vergonha, culpa e impotência que mesclam com sintomas de depressão, insônia, angústia e agravos físicos e relacionais na esfera familiar e do trabalho. Isto revela a dimensão moralizante da dívida, pois toda sensação de sofrimento decorre da pressão da consciência do sujeito (Hennigen; Borges, 2014). A dívida impõe controle e coação sobre o devedor, contudo, diferente das sociedades disciplinares, ela interioriza as relações de poder em vez de externalizá-la e combatê-la (Lazzarato, 2017), constituindo, assim, uma concepção individualizante do endividamento (Hennigen; Borges, 2014; Hennigen, 2019).

Outra consequência do endividamento está mais relacionada ao capitalismo financeiro neoliberal; o indivíduo mesmo não contraindo dívidas, torna-se moralmente endividado em decorrência das dívidas públicas (Hennigen, 2019). Os indivíduos são responsabilizados e culpabilizados por este *déficit* público que é utilizado, muitas vezes, para legitimar as "reformas" neoliberais (*e.g.* regimes de trabalho, mudanças nas regras de aposentadoria) (Lazzarato, 2009).

O uso do crédito para financiar a vida cotidiana é uma prática cada vez mais comum, aprofundando o que se denomina "financeirização da vida", que se refere a expansão dos mecanismos financeiros da acumulação capitalista da esfera econômica para penetrar na esfera da vida cotidiana (Rodríguez, 2020). Hennigen (2019) problematiza a financeirização da vida, tomando como base a visão do filósofo Maurizio Lazzarato, como uma política da dívida que reflete a forma atual da biopolítica do capitalismo neoliberal, ou seja, representa uma modalidade de governamentabilidade da sociedade contemporânea em seu conjunto.

O elevado nível de endividamento expõe que as famílias recorrem aos recursos de terceiros como uma estratégia para manter seu nível de consumo e até mesmo para garantir a subsistência. No Brasil, por exemplo, de acordo com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), do mês de agosto de 2022, realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), 79% dos brasileiros estavam endividados, 29,6% apresentaram contas ou dívidas em atraso e 10,8% não tiveram condições de pagar o que deviam. A pesquisa apontou que a proporção de mulheres endividadas é superior à dos homens; 81,9 % da população adulta de mulheres contraíram alguma dívida, enquanto a proporção para homens adultos foi de 78,3% (CNC, 2022).

As mulheres são a maioria nos trabalhos informais, possuem rendimentos menores e são incumbidas majoritariamente aos cuidados e manutenção familiar (Rodríguez, 2020). Deste modo, elas acabam mais expostas aos mecanismos de dominação e exploração da dívida, que extrai valor das economias domésticas, das economias não assalariadas, e se utiliza dos dispositivos financeiros como verdadeiros mecanismos de colonização da reprodução da vida (Cavallero; Gago, 2019).

À vista disso, entender como o endividamento se estrutura na visão feminina é relevante devido à conjuntura social das mulheres e sua exposição acentuada a dívida. Deste modo, tomando como base as representações sociais como um sistema de interpretação que norteia a relação do indivíduo com o mundo e com os demais, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais (Jodelet, 2001), o objetivo geral do presente estudo é conhecer as representações sociais do conceito de endividamento na visão das mulheres.

A temática deste estudo apresenta uma relevância social e acadêmica, devido a atual conjuntura econômica do Brasil e do mundo, na qual o endividamento se encontra em plena expansão. Contudo, as discussões que exteriorizem a invisibilidade de determinados sujeitos, como as mulheres, devem ser estimuladas e aprofundadas. Apesar da dívida ser um dispositivo de exploração, não existe uma subjetividade do endividamento universalizável que explore as situações específicas e particulares da diferença de gênero, de raça e de localização, pois a dívida não homogeneíza essas diferenças, mas as explora (Cavallero; Gago, 2019).

2 O ENDIVIDAMENTO E AS MULHERES

O fenômeno do endividamento é associado de maneira demasiada a um caráter individualizante, como Hennigen (2010) explica ao afirmar que quando apresentado nos meios de comunicação, o endividamento é associado a uma "má gestão" orçamentária e a falta de capacidade dos indivíduos de fazerem previsões financeiras corretas ou, até mesmo, como uma psicopatologia pessoal. À vista disto, o fenômeno passa a ser compreendido apenas por um viés pessoal, sendo que existem outras questões relevantes que também devem ser consideradas ao se tratar da produção do endividamento, como: cultura de consumo, oferta de crédito, achatamento dos salários, promoção agressiva do consumo e do crédito na mídia (Hennigen, 2010).

Hennigen e Borges (2014) compreendem que existe uma individualização do endividamento, devido a explanarem em seu estudo realizado no Rio Grande do Sul com 24 pessoas em situação de superendividamento que, no que concerne às implicações subjetivas do endividamento, os indivíduos sentiam um mal-estar por possuírem dívidas e não conseguirem pagá-las. Esse mal-estar se refletia no psicológico, sendo expresso por sentimentos como: ansiedade, vergonha, estresse, impotência, culpa, humilhação, angústia, pânico, desânimo, além de virem acompanhados por outros problemas de caráter distintos: depressão, insônia, problemas nas relações familiares e falta de perspectiva na solução do problema ou da vida.

A dimensão moralizante vem em seguida a essa individualização, a qual os consumidores endividados se sentem pressionados devido a sua própria consciência, por não acharem justo ou correto deixarem de pagar o que se deve (Hennigen; Borges, 2014). No mesmo sentido, Sanchís e Caracciolo (2019) afirmam que a cultura neoliberal é responsável por introduzir os sentimentos de culpa, de vergonha e de fracasso a quem se endivida, que se percebe incapaz e sem nenhuma possibilidade de incidir as condições, o custo ou as consequências da dívida em sua vida.

Frade e Magalhães (2006), em uma pesquisa realizada pelo Observatório do Endividamento dos Consumidores de Portugal, buscando compreenderem a dimensão psicossocial do superendividamento, atestaram por parte dos consumidores superendividados uma confusão e falta de clareza no discurso sobre a sua real situação e seus fatores

determinantes, seguido de uma apatia e de choro frequente. Ademais, destacaram ainda o sentimento de culpa e de vergonha perante os filhos, fazendo com que evitassem comunicar a real situação financeira aos mesmos e se endividassem ainda mais para manterem as aparências (Frade; Magalhães, 2006).

Rodríguez (2020), em sua pesquisa desenvolvida somente com mulheres, também atestou à moralização da dívida, que por meio de depoimentos, as participantes destacaram os sentimentos de vergonha, do medo e da ansiedade quando a dívida não podia ser saldada, sendo obrigadas então, como solução, a pedir ajuda à família ou amigos, contraindo assim, um novo endividamento. A autora ainda explica que "no Brasil, 'ter o nome sujo' condensa justamente essa vergonha, é uma marca moral e culpabilizante por não ter conseguido saldar a dívida" (Rodríguez, 2020, p. 15).

Globalmente, as mulheres ganham 20% a menos do que os homens (Organização Internacional do Trabalho [OIT], 2018), já no Brasil essa diferença sobe para 29,7% (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2018). Um dos fatores que pode influenciar na divergência salarial é a maternidade. Segundo a OIT (2018), as mulheres mães possuem salários mais baixos do que as que não são mães e isso pode ser reflexo de outros fatores como interrupção da carreira profissional, redução do tempo de trabalho ou estereótipos em promoções de nível corporativo (OIT, 2018).

Ademais, a OIT desenvolveu um novo indicador, o *Jobs Gap*, onde os novos dados mostram que as mulheres enfrentam dificuldades bem consideráveis ao encontrarem emprego quando comparadas aos homens. O informe "*New data shine light on gender gaps in the labour market*" aponta que as responsabilidades pessoais e familiares, incluindo o trabalho não remunerado, afetam de maneira desproporcional as mulheres, pois essas atividades as impedem tanto de estarem empregadas quanto de procurarem um emprego ativamente ou estarem disponíveis para trabalhar. Esse fator, quando somado ainda a condição de vulnerabilidade dos empregos obtidos, juntamente com a baixa taxa de emprego, afeta a renda delas (OIT, 2023).

Outra variável que deve ser considerada ao se tratar dessa questão é a presença de crianças no lar, pois quando há o divórcio dos pais, as mulheres, na maioria dos casos, ficam responsáveis para com os filhos, além de às vezes não conseguirem uma pensão que condiz com a real necessidade dos mesmos (De Souza et al., 2020). A menor renda quando somada às despesas do lar pode ser decisiva no endividamento feminino, visto que são os pequenos gastos decorrentes principalmente dos cuidados domésticos e com os filhos que comprometem o orçamento das mulheres (Trindade et al., 2012).

3 MÉTODO

3.1 População e amostra

A amostra foi composta por 310 mulheres, de 18 a 70 anos, residentes no Brasil, que foram selecionadas por amostragem do tipo não probabilística e por conveniência (participação voluntária).

3.2 Instrumento de coleta de dados

Por meio de um questionário no formato digital, o conteúdo das representações sociais do endividamento foi avaliado através de uma pergunta baseada na técnica de evocação livre de palavras (Vergès, 1992), na qual as entrevistadas foram solicitadas a escreverem as cinco primeiras palavras que vêm à mente quando a expressão indutora "endividamento" era apresentada.

Após a aplicação da evocação, foram coletadas as informações sociodemográficas como idade, nível socioeconômico e grau de endividamento, que foi mensurado em três níveis: (1) muito endividada, (2) moderadamente endividada e (3) pouco ou nada endividada. O nível socioeconômico das participantes do estudo foi obtido com a utilização da escala de classificação desenvolvida pela *European Society for Opinion and Marketing Research* – ESOMAR, que classifica o nível socioeconômico do indivíduo por meio da relação entre o tipo de ocupação e o nível educacional do chefe da família (Adimark, 2000).

Com o intuito de realizar a comparação baseada no contexto social feminino, foram investigadas mais duas informações: a primeira se a respondente se considerava como chefe de família e se possuía filhos.

3.3 Procedimento

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética. O questionário digital foi divulgado e compartilhado através das redes sociais *Instagram* e *WhatsApp*, com sua aplicação realizada durante o mês de abril de 2021. Antes de responder ao questionário, as participantes deveriam ler e aceitarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3.4 Análise dos dados

Para a análise da RS do conceito de endividamento na visão das mulheres, realizou-se uma estratégica metodológica que envolveu a utilização de duas técnicas lexicométricas: (1) a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) (Reinert, 1983), análise que realiza o agrupamento de palavras significativamente semelhantes por meio da utilização do teste qui-quadrado ($\chi 2$), criando, assim, classes temáticas que caracterizam a representação do termo estudado (Pélissier, 2017). A associação das palavras é realizada quando o teste $\chi 2$ é maior que 3,84, representando $p < 0,0001$; quanto maior o valor do qui-quadrado maior a relação entre as variáveis (Pélissier, 2017); (2) a Análise de Correspondência Múltipla (ACM), técnica multivariada descritiva que utiliza também o $\chi 2$ como métrica para organização dos dados, permite a representação de maneira gráfica de vários conjuntos de variáveis qualitativas na descrição de um objeto (Oliveira; Amaral, 2007).

A aplicação das técnicas em conjunto faz com que a CHD identifique a estrutura da representação social, por meio de classes (categorias) temáticas que envolvem o universo do objeto pesquisado, e a ACM identifica as características sociodemográficas mais associadas a cada categoria temática. A CHD também é capaz de indicar as características sociodemográficas mais associadas com cada categoria por meio do teste de dependência com o resultado do $\chi 2$ ($\chi 2 > 3,84$, $p < 0,0001$). No entanto, esta perfilação que a CHD gera se limita a fornecer informações apenas de características que apresentam um $\chi 2$ significativo, excluindo da análise outras variáveis que podem ter possível aproximação com as classes temáticas. Deste modo, com os dados gerados na CHD, utiliza-se da ACM para identificar a proximidade de outras variáveis levantadas no estudo.

Para a realização das análises mencionadas, utilizou-se como suporte o *software* IRAMUTEQ - *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* – que realiza a análise dos dados textuais obtidos através da evocação livre de palavras, por meio da utilização das análises lexicográficas, com o intuito de se identificar as representações sociais do endividamento (Camargo; Justo, 2013).

4 RESULTADOS

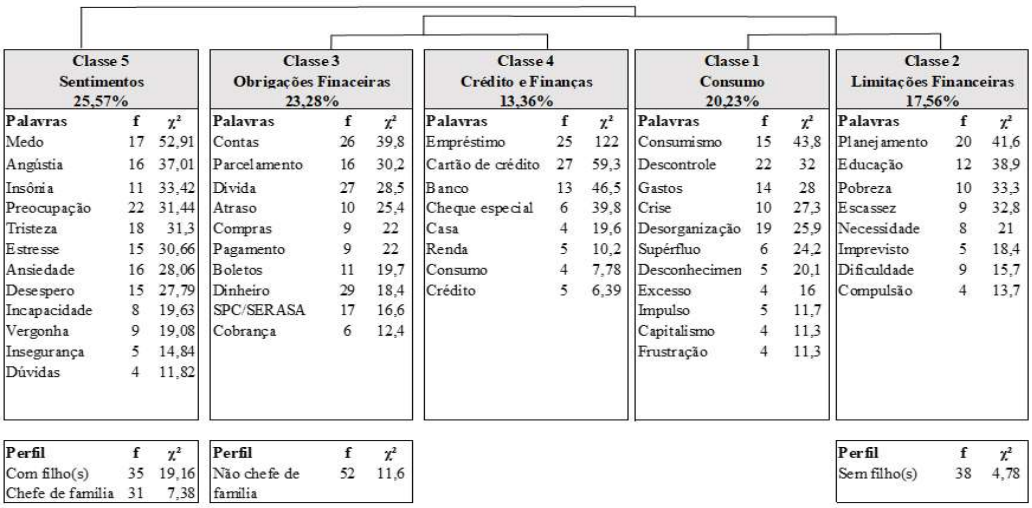
Com relação à caracterização da amostra, a média de idade das participantes foi de 31 anos. No aspecto das classes sociais, por meio de agrupamento das classes da ESOMAR, tem-se que 15,8% das respondentes pertencem aos níveis sociais mais inferiores (11,5% Classe D e 4,3% Classe E), 43,2% aos níveis do tipo médio (32,4% Classe CA e 10,8% Classe CB) e o restante das participantes, 40,7%, ao nível médio-alto ou alto (15,5% Classe A e 25,2% Classe B). Quanto ao grau de endividamento, 56,13% das entrevistadas afirmaram estarem pouco ou nada endividadas, 33,87% estão endividadas de forma moderada e 10% estão muito endividadas. Nos atributos de maternidade e chefia familiar, 31,61% das respondentes afirmaram possuir filhos e 34,1% se consideram chefes de família.

Quanto às evocações, todas foram agrupadas inicialmente conforme o processo de lematização, procedimento que agrupa as palavras que compartilham o mesmo radical e classe, intitulando os agrupamentos segundo a resposta mais frequente (Wachelke; Wolter, 2011). No entanto, após a aplicação da lematização, verificou-se a necessidade de outro tratamento das respostas para tornar os resultados mais precisos. Então, realizou-se um agrupamento semântico, unindo as palavras conforme o significado em comum entre elas e intitulando-as de acordo com as respostas de maior frequência. Após o processo de agrupamento, houve um total de 1.549 palavras evocadas e com uma média geral de frequência das palavras de 6,82. Expressões hápax, palavras que foram mencionadas apenas uma vez, foram 109 (7,03%).

4.1 Classificação Hierárquica Descendente (CHD)

A análise da CHD resultou em um dendrograma composto de cinco classes, conforme apresentado na Figura 1. Na lista de palavras associadas a cada classe apresentada inicialmente pela CHD foram mantidas apenas as palavras com qui-quadrado superior a 10,827 e $p < 0,05$, por representarem uma associação mais confiável (Pélissier, 2016).

Figura 1 – Dendograma das evocações das participantes



Fonte: Elaboração própria (2021).

A primeira classe a ser gerada foi a Classe 5 (Eixo 1), que representa 25,5% do conteúdo evocado. Esta classe apresenta expressões relativas à sentimentos, que são em sua totalidade de sentido negativo, sendo “medo” e “angústia” os mais representativos.

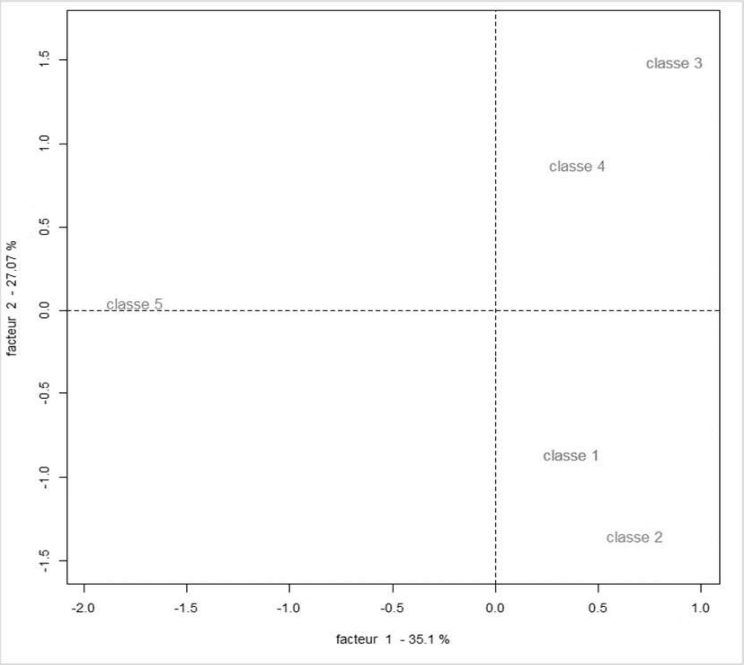
A classe seguinte, a Classe 3 (Eixo 2), com 23,2% das evocações, descreve obrigações resultantes do processo de endividamento, tanto em forma de objeto, como “contas” e “boletos”, quanto no aspecto de ações resultantes do endividamento como “parcelamento”, “pagamento” e “cobrança”. Com 13,36% dos segmentos de texto analisados, a Classe 4 (Eixo 2) apresenta conteúdos relativos ao mecanismo na qual o endividamento pode estar relacionado, como produtos creditícios “empréstimo”, “cartão de crédito” e “cheque especial”. Essas duas classes, que descendem de um eixo comum no dendrograma, possuem conteúdo que conota ao núcleo figurativo da representação social do endividamento, exprimindo formas ligadas a objetos concretos como “contas”, “boletos”, “dinheiro”, “cartão de crédito”, “banco” e “casa”.

A Classe 2 e a Classe 1 (Eixo 3), compostas por 20,23% e 17,56%, respectivamente, do material analisado, apresentam justificações intrínsecas e extrínsecas ao sujeito para a origem da dívida. A Classe 1 possui termos mais intrínsecos, ligados aos aspectos de comportamento de consumo, como “consumismo”, “descontrole”, “desorganização” e “impulso”. Já a Classe 2 possui mais fatores ligados ao contexto, “pobreza”, “escassez”, “necessidade” e “imprevisto”, que carregam o sentido de carência ou demanda por recursos. A palavra “planejamento”, a mais representativa para a classe, faz com que, de forma geral, o significado da Classe 2 seja relacionado com os enfrentamentos às limitações de recursos financeiros e materiais.

Na CHD, por meio do teste de dependência do qui-quadrado, é possível identificar que algumas dessas classes estão vinculadas com as variáveis maternidade e chefia familiar. Deste modo, identifica-se que a Classe 2, limitações financeiras, é fortemente ligada às mulheres que não possuem filho ($\chi^2 = 4,77$, $f = 38$). Já a Classe 3, obrigações financeiras, tem uma associação maior com mulheres que não se consideram chefe de família ($\chi^2 = 11,77$, $f = 52$) e a Classe 5, sentimentos negativos, é associado às mulheres que possuem filhos ($\chi^2 = 19,16$, $f = 35$) e que desempenham papel de chefes de família ($\chi^2 = 7,37$, $f = 31$). As Classes 1 e 4 não apresentaram de forma significativa relação com as variáveis analisadas.

Em continuidade a análise da CHD, com o intuito de sintetizar o conteúdo e, assim, facilitar a interpretação da RS do endividamento feminino, utilizou-se da técnica AFC - Análise Fatorial de Correspondência, que permite a visualização, sob a configuração de um plano fatorial, que demonstra as diferentes palavras e variáveis associadas a cada classe da CHD em um plano cartesiano (Camargo; Justo, 2013). Nos dois fatores, o valor da variância total foi de 62,07%. O Fator 1, que corresponde ao eixo horizontal (Eixo 1), explicou 35,10% da total variação de respostas. O Fator 2, que corresponde ao eixo vertical (Eixo 2), explicou 27,07% do total de respostas (Figura 2).

Figura 2 – Análise Fatorial de Correspondência – Dimensões



Fonte: Elaboração própria (2021).

No primeiro fator (Eixo 1), do lado esquerdo, tem-se a Classe 5, que associa o endividamento a sentimentos negativos, em uma posição isolada com relação às outras classes. O dendrograma já havia marcado a oposição desta classe com as demais. As outras classes, Classe 1 e Classe 2 apresentam palavras que remetem majoritariamente a fatores de cunho individual, enquanto as Classes 3 e 4 trazem um conteúdo ligado aos aspectos econômico-financeiros, com palavras referentes a objetos concretos.

No Eixo 2, a oposição das classes entre posições superior e inferior transmite a caracterização entre as causas e consequências do endividamento, onde as Classes 3, 4 e 5 condizem com os aspectos de consequências do ato de contrair dívidas e as Classes 1 e 2 carregam o sentido de causas que podem provocar o endividamento.

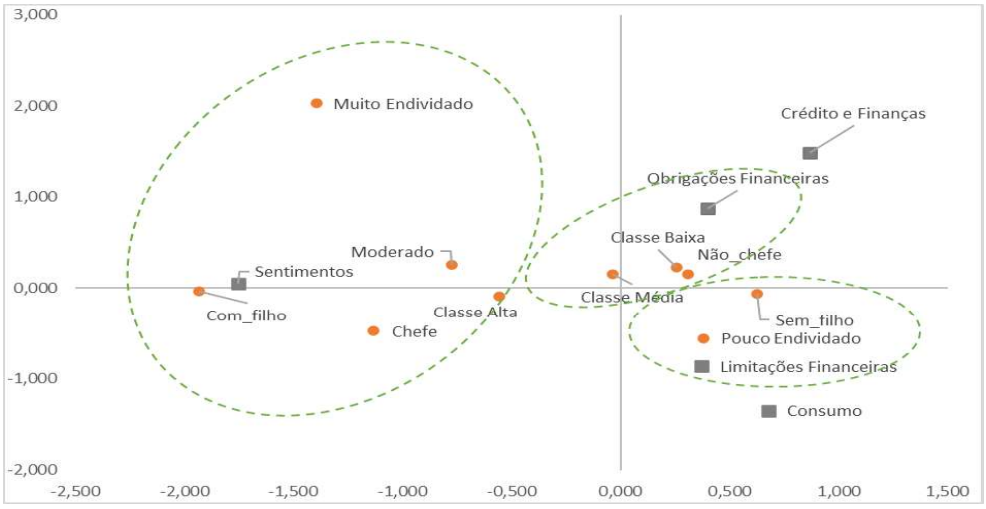
No cruzamento dos dois eixos, identifica-se um terceiro fator com explicação de 20,19%, estruturando a representação do endividamento feminino em três dimensões, a dimensão formada pelas Classes 1 e 2, que faz alusão às causas, outra pelas Classes 3 e 4, composta por conteúdo referente aos meios que antecedem o endividamento e a última constituída apenas pela Classe 5, que aponta as consequências do endividamento. A configuração em três dimensões explica 82,36% do conteúdo lexical da RS do endividamento, sendo esta estrutura a mais concisa para explanar o conceito do endividamento na visão feminina.

4.2 Análise de Correspondência Múltipla (ACM)

No intuito de verificar a associação de outras variáveis sociodemográficas, como nível de endividamento e classe social, realizou-se Análise de Correspondência Múltipla (ACM). Nesta etapa, utilizou-se as cinco classes temáticas encontradas na CHD, adaptação das categorias da Escala ESOMAR e o nível de endividamento. Como resultado, a Figura 3

apresenta as relações das classes temáticas e das variáveis sociodemográficas das respondentes dispostas em clusters.

Figura 3 – Análise de Correspondência Múltipla das classes temáticas por variáveis sociodemográficas



Fonte: Elaboração própria (2021).

Na análise dos níveis de endividamento, os níveis "muito endividada" e "moderadamente endividada" estão circunjacentes da classe "Sentimentos", constando uma associação entre a classe e estas variáveis. O nível "pouco ou nada endividada", de maneira diferente, associa-se com a classe "Limitações Financeiras". Com relação aos estratos sociais, tem-se que a classe alta está mais próxima da classe "Sentimentos" e as classes médias e baixas mais próximas da classe temática "Obrigações Financeiras".

4.3 Discussão

A estrutura da representação social do endividamento para o público feminino pode ser exprimida em três dimensões, "Causas", formada pelas Classes 1 e 2; "Meio", Classes 3 e 4; e "Consequências", constituída pela Classe 5.

A dimensão "Causas" apresenta os motivos que levam ao endividamento, que envolvem aspectos intrínsecos aos indivíduos, relacionados ao comportamento do sujeito ("consumismo", "descontrole", "impulso", "planejamento") e aos fatores extrínsecos, ligados a questões de conjuntura econômica ("crise", "capitalismo", "pobreza", "imprevisto"). Os vocábulos evocados que compõem esta dimensão vão além de uma visão puramente individualista do endividamento (Hennigen, 2010), visto que esse é um fenômeno que também pode ser provocado por fatores externos, por exemplo, como uma crise ou uma recessão econômica (Gutiérrez-Nieto et al., 2016; Guzmán Gómez, 2014). Esta dimensão remete à lógica consumista que integra as sociedades contemporâneas (Bauman, 2010; Fontenele, 2017), um encadeamento do desejo de consumir inibido com as restrições e as limitações financeiras, e o sistema dívida/crédito surge como mecanismo para debelar estas limitações.

A dimensão "Meio" reflete a relação credor e devedor. Em uma primeira instância, indica os instrumentos para aquisição do crédito, representado por evocações que destacam os principais produtos de concessão de crédito, "empréstimo", "cartão de crédito" e "cheque especial", como também a instituição creditícia relacionada a este fenômeno, no caso "banco",

o qual pode ser entendido como principal agente fornecedor de produtos financeiros (Ribeiro; Lara, 2016). O segundo momento destaca o processo de retorno do recurso provido à entidade credora. Deste modo, o conteúdo lexical destaca os mecanismos para este retorno, como "boletos", "contas", "pagamento" e os elementos de controle, "cobrança", "SPC/SERASA", que institui uma discriminação entre inadimplentes e adimplentes a partir de uma marca moral (Hennigen; Borges, 2014). O conteúdo lexical desta dimensão, devido a característica figurativa, relaciona-se ao processo de objetivação da representação social do endividamento. Esta dimensão representa um compromisso e disciplina contínua dos devedores para com os credores, que são inerentemente assimétricos e atuam como um meio para governar as condutas dos indivíduos (Lazzarato, 2009).

A dimensão "Consequências" se refere ao mal-estar psicológico, visto que existem diversas emoções negativas que podem estar atreladas ao endividamento, corroborando com o que já é apresentado na literatura (Rodríguez, 2020; Hiilamo; Grundy, 2020; Holmgren et al., 2019; Campara et al., 2016). Essa dimensão aponta os aspectos prejudiciais que a subjetivação moral da dívida pode acarretar ao indivíduo (Hennigen; Borges, 2014; Lazzarato, 2017).

Conteúdos lexicais como "medo", "angústia", "preocupação", "vergonha" e "incapacidade", conforme discutido por Sanchís e Caracciolo (2019), demonstram como a cultura neoliberal introduz os sentimentos de culpa, de vergonha e de fracasso ao sujeito endividado. Ademais, as palavras "insônia", "tristeza", "ansiedade" e "estresse" também apareceram nas evocações, trazendo à baila os problemas de saúde mental advindos do endividamento, o que também já vem sendo discutido na literatura vigente (Turunen; Hiilamo, 2014).

Com relação aos perfis que compartilham as dimensões da representação do endividamento feminino, percebe-se que há um deslocamento da representação de uma dimensão de "Causas" para uma dimensão "Consequências" em decorrência de fatores que indicam uma ampliação de consumo das mulheres, alguns ligados a responsabilidade de cuidados, que por decorrência as envolvem no sistema dívida/crédito.

As mulheres sem filhos possuem uma visão do endividamento mais associada à dimensão "Causas", especificamente ligada às limitações de recursos financeiros e materiais. Isto pode estar relacionado ao fato da não maternidade proporcionar às mulheres uma renda maior (OIT, 2018) e as isentam da responsabilidade e dos custos de cuidar de um filho, imputados fortemente ao gênero feminino. Esta liberdade sobre sua renda para consumir faz com que este grupo entenda o endividamento apenas como resultante de fatores limitantes dessa renda. Esta visão de causa também é compartilhada com as mulheres pouco ou nada endividadas, o que corrobora que a perspectiva do planejamento, da consciência da limitação dos recursos financeiros, seja uma das razões relevantes para a formação do endividamento (Bylander et al., 2019; Campara et al., 2016; Matos et al., 2014).

As mulheres que não se consideram chefes de família, assim como as de classes sociais baixa e média, possuem a representação do endividamento enquadrada na dimensão "Meio", de maneira estreita aos mecanismos de controle da dívida. Deste modo, entende-se que estes grupos indicam um intermediário no nível de consumo e, por consequência, devido a lógica do capitalismo financeiro neoliberal, uma relação mediana com o sistema dívida/crédito.

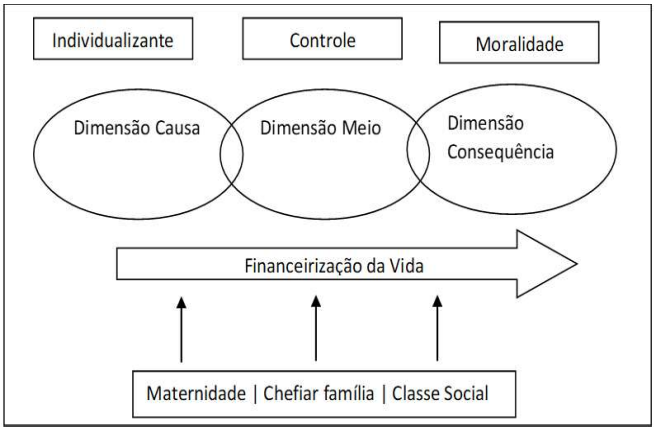
Os grupos de mulheres que têm filhos e são chefes de família compreendem o endividamento na dimensão "Consequências", percebendo-o como uma situação desagradável nas suas vidas, responsável por despertar sentimentos negativos de medo e tristeza. A responsabilidade ainda majoritária das mulheres com o cuidado da casa e com a manutenção do funcionamento familiar faz com que arquem com os custos de sobrevivência das famílias, deste modo, recorrem ao crédito e ao endividamento para suprir, muitas vezes, necessidades básicas (Rodríguez, 2020). Esta forma de representar o endividamento talvez surja, conforme relatado por Frade e Magalhães (2006), do sentimento de culpa e de vergonha perante os filhos,

fazendo com que evitem comunicar a real situação financeira aos mesmos e se endividem ainda mais para manter as aparências.

Esta representação na forma de sentimentos negativos também é expressa por mulheres pertencentes às classes sociais mais altas. Tal resultado difere dos achados obtidos nas representações sociais de Referência Oculta (2019) que identificaram uma proximidade do segmento social mais vulnerável com a classe temática de sentimentos. Talvez, o sentimento nocivo, principalmente para o público feminino, seja resultante de um contato maior com produtos creditícios, que é o caso das classes sociais mais elevadas. Tal raciocínio também pode estar relacionado ao nível de endividamento. Os indivíduos com nível de endividamento elevado e moderado estão mais enlaçados com o crédito.

De forma geral, fatores que aproximam o público feminino com o sistema crédito/dívida provocam um deslocamento da compreensão da dívida. Pode-se retratar que este processo de aproximação faz parte de um fenômeno maior que é a financeirização da vida (Rodríguez, 2020; Hennigen, 2019). Deste modo, como retratado na Figura 4, que representa de maneira gráfica a estrutura da representação social do conceito de endividamento na visão das mulheres e sua dinâmica, entende-se que as mulheres ao "financeirizarem" sua vida, devido aos fatores que indiquem um aumento do consumo e do uso do crédito, deslocam-se de uma visão individualista, até certo ponto julgadora, para uma visão de aspectos cada vez mais controladores da dívida e das consequências da moralização, do "se sentir julgada".

Figura 4 – Estrutura da Representação Social do endividamento na visão das mulheres



Fonte: Elaboração própria (2022).

5 CONTRIBUIÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo conhecer as representações sociais do conceito de endividamento na visão das mulheres. Como resultado, as representações sociais desse conceito na visão delas abrange três dimensões: (1) "Causas", que engloba aspectos intrínsecos e extrínsecos ligados ao consumo e as limitações financeiras que representa por maioria, mas não exclusivo, fatores individualizantes da dívida; (2) a dimensão "Meio", que é a relação credor-devedor e está fortemente ligada aos mecanismos de controle instituídos da dívida e (3) a dimensão "Consequências", que é compreendida com os sentimentos negativos e estão ligados aos aspectos moralizantes da dívida.

Contudo, a despeito do que foi exposto, verifica-se que há um deslocamento da visão feminina da dívida em consonância com a expansão do consumo, que está relacionado, principalmente, a fatores ligados à responsabilidade do cuidado, como a maternidade e a chefia

familiar. Deste modo, as mulheres migram de um entendimento majoritariamente individualista do endividamento, ou seja, resultante apenas da maneira que o indivíduo consome ou gere os seus recursos, para uma visão de controle e punitiva da dívida. Esta migração tende a estar fundada com a aproximação que a expansão do consumo provoca com o sistema crédito/dívida. Tudo isto engloba um processo de financeirização da vida, cujo crédito é usado de forma a suprir as necessidades básicas de (sobre)vivência.

Como limitações da pesquisa, a rede de significados levantada carece de uma comprovação mais aprofundada, que pode ser obtida por meio de entrevistas. Dessarte, sugere-se para pesquisas futuras a aplicação deste estudo em uma amostra maior com mulheres e com homens, para uma análise comparativa entre os gêneros. Além da execução da pesquisa com entrevistas em profundidade para a comprovação da relação dos elementos que compõem o construto e, por fim, entender o processo de formação do fenômeno e indicadores para superá-los.

REFERÊNCIAS

ADIMARK, S. **El nivel socioeconómico ESOMAR**: Manual de aplicación. Santiago: Autor, 2000.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2005.

BAUMAN, Z. **Vida a crédito**: Conversas com Citlali Rovirosa-Madrazo. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BYLANDER, M. et al. Over-indebtedness and microcredit in Cambodia: Moving beyond borrower-centric frames. **Development Policy Review**, v. 37, n. esp. 2, p. 140-160, 2019. https://doi.org/10.1111/dpr.12399

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um *software* gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751532016.pdf Acesso em: 12 set. 2022.

CAMPARA, J. P. et al. O Dilema dos Inadimplentes: Antecedentes e Consequentes do "nome sujo". **Revista Brasileira de Marketing**, v. 15, n. 1, p. 71-85, 2016. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/4717/471755315006.pdf Acesso em: 18 set. 2022.

CAVALLERO, L.; GAGO, V. **Una lectura feminista de la deuda**. Luxemburgo: Fundación Rosa, 2019.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Consumidores estão se endividando mais em carnês e cartões de lojas**. Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), 2022. Disponível em: https://portal-bucket.azureedge.net/wp-content/2022/09/35a637a3f29f0347d11c46fff57031b5.pdf. Acesso em: 13 set. 2022.

DA SILVA LYRA, Renata Maldonado. Consumo, comunicação e cidadania. **C-Legenda-Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, n. 3, 2001. Disponível em: https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36793 Acesso em: 17 ago. 2022.

DE MATOS, Celso Augusto; BONFANTI, Kátia; METTE, Frederike Monika Budiner. Comportamento do consumidor endividado: um estudo exploratório com indivíduos de baixa renda. **Gestão e Sociedade**, v. 8, n. 20, p. 670-687, 2014. Disponível em: https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1995 Acesso em: 22 jul. 2022.

DE SOUZA, V. et al. A feminização da pobreza no Brasil e seus determinantes. **Informe Gepec**, v. 24, n. 1, p. 53-72, 2020. https://doi.org/10.48075/igepec.v24i1.22710

FONTENELLE, I. A. **Cultura do Consumo**: fundamentos e formas contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.

FRADE, C.; MAGALHÃES, S. Sobreendividamento: a outra face do crédito. *In*: C. L. MARQUES, C. L.; CAVALLAZI, A. L. (org.). **Direitos do consumidor endividado**: superendividamento e crédito São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, p. 23-43, 2006. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/79061971.pdf Acesso em: 27 out. 2022.

GUTIÉRREZ-NIETO, B. et al. A multivariate study of over-indebtedness' causes and consequences. **International Journal of Consumer Studies**, v. 41, n. 2, p. 188-198, 2017. https://doi.org/10.1111/ijcs.12324

GUZMÁN GÓMEZ, G. La deuda: del sueño a la pesadilla colectiva. Endeudamiento de mujeres rurales del centro de Veracruz. **Desacatos**, n. 44, p. 67-82, 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/pdf/desacatos/n44/n44a6.pdf Acesso em: 17 maio 2020.

HENNIGEN, I. Endividado, devo: governo da vida pelas finanças. **Fórum Linguístico**, v. 16, n. 3, p. 3953-3965, 2019. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7135990 Acesso em: 12 out. 2022.

HENNIGEN, I. Superendividamento dos consumidores: uma abordagem a partir da Psicologia Social. **Revista Subjetividades**, v. 10, n. 4, p. 1173-1201, 2010. Disponível em: https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/4965 Acesso em: 22 maio 2022.

HENNIGEN, I.; BORGES, J. P. Estigma moral e sofrimento psi: problematizando a individualização do superendividamento do consumidor. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 14, n. 1, p. 214-238, 2014. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844507013.pdf Acesso em: 25 maio 2022.

HENNIGEN, I.; GEHLEN, G. Com a "Vida" no Vermelho: Psicologia e Superendividamento do Consumidor. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 7, n. 2, p. 290-298, 2012. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/Volume7_n2/Hennigen,_Ines_&_Gehlen,_Gabriela.pdf Acesso em: 26 maio 2022.

HIILAMO, A.; GRUNDY, E. Household debt and depressives symptoms among older adults in three continental European countries. **Ageing & Society**, v. 40, n. 2, p. 412-438, 2020. https://doi.org/10.1017/S0144686X18001113

HOLMGREN, Rebecka et al. Coping and financial strain as predictors of mental illness in over-indebted individuals in Sweden. **Scandinavian Journal of Psychology**, v. 60, n. 1, p. 50-58, 2019. https://doi.org/10.1111/sjop.12511

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf Acesso em: 13 ago. 2022.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **Global Wage Report 2018/19**: what lies behind gender pay gaps. Geneva: ILO, 2018. Disponível em: https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/mission-and-objectives/features/WCMS_650551/lang--en/index.htm Acesso em: 13 ago. 2022.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **Employment-related gender gaps greater than previously thought, ILO report finds**. Geneva: ILO, 2023. Disponivel em: https://www.ilo.org/pt-pt/resource/news/diferencas-de-genero-no-emprego-sao-maiores-do-que-se-pensava-segundo Acesso em: 03 jul. 2024.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. *In*: JODELET, D. (org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 17-44, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Denise-Jodelet-2/publication/324979211_Representacoes_sociais_Um_dominio_em_expansao/links/5c4897c3a6fdccd6b5c2eab1/Representacoes-sociais-Um-dominio-em-expansao.pdf Acesso em: 20 mar. 2022.

LAZZARATO, M. **O governo do homem endividado**. São Paulo: Edições, 2017.

LAZZARATO, M. Sobre a crise: finanças e direitos sociais (ou de propriedade). **Lugar Comum**, v. 27, p. 83-90, 2009. Disponível em: https://uninomade.net/wp-content/files_mf/112203120918Lugar%20Comum_27_completa.pdf#page=83 Acesso em: 20 mar. 2022.

MATOS, C. A. de et al. Comportamento do consumidor endividado: um estudo exploratório com indivíduos de baixa renda. **Gestão e Sociedade**, v. 8, n. 20, p. 670-687, 2014.

OLIVEIRA, A.; AMARAL, V. A análise fatorial de correspondências na investigação em psicologia: uma aplicação ao estudo das representações sociais do suicídio adolescente. **Análise Psicológica**, v. 25, n. 2, p. 271-293, 2007. https://doi.org/10.14417/ap.446

PÉLISSIER, D. **Initiation à lalexicométrie**: approche pédagogique à partir de l'étude d'un corpus aveclelogiciel Iramuteq. Toulouse: Université de Toulouse, 2017.

REFERÊNCIA OCULTA. Representaciones Sociales del endeudamiento del consumidor, diferencias por género, edad grupos de renta. **Polis Revista Latinoamericana**, n. 54, 2019.

REINERT, A. Une méthode de classification descendante hiérarchique: application à l'analyse lexicale par contexte. **Cahiers de l'Analysedes Données**, v. 8, n. 2, p. 187-198, 1983.

Disponível em: http://www.numdam.org/item/CAD_1983__8_2_187_0.pdf Acesso em: 26 mar. 2022.

RIBEIRO, R. F.; LARA, R. O endividamento da classe trabalhadora no Brasil e o capitalismo manipulatório. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 126, p. 340-359, maio/ago. 2016. https://doi.org/10.1590/0101-6628.072

RODRIGUEZ, G. Sobre o endividamento, as vozes das mulheres. *In*: **O Sistema financeiro e o endividamento das mulheres**. Rio de Janeiro: Instituto Eqüit, 2020. Disponível em: https://generoycomercio.net/wp-content/uploads/2020/06/O-sistema-financeiro_Livro_web.pdf#page=13 Acesso em: 20 mar. 2022.

SANCHÍS, N.; CARACCIOLO, M. Experiencias y estrategias de mujeres de sectores populares para enfrentar la crisis. *In*: **Mujeres ante la crisis: ¿endeudarse para vivir?** Argentina: Red de Género y Comercio, p. 12-17, 2019. Disponível em: http://asociacionlolamora.org.ar/wp-content/uploads/2020/02/MujeresAnteLaCrisis-EndeudarseParaVivir.pdf Acesso em: 26 mar. 2022.

SPC BRASIL. **Impactos do Endividamento no Estado Emocional do Brasileiro**. 2015. Disponível em: https://www.spcbrasil.org.br/uploads/st_imprensa/analise_perfil_do_inadimplente_sentimentos.pdf. Acesso em: 08 mar. 2022.

TRINDADE, Larissa de Lima; RIGHI, Marcelo Brutti; VIEIRA, Kelmara Mendes. De onde vem o endividamento feminino? Construção e validação de um modelo PLS-PM. **REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, v. 18, p. 718-746, 2012. https://doi.org/10.1590/S1413-23112012000300006

TURUNEN, E.; HIILAMO, H. Health effects of indebtedness: a systematic review. **BMC Public Health**, v. 14, n. 1, p. 1-8, 2014. https://doi.org/10.1186/1471-2458-14-489

VERGÈS, P. **Programas informáticos para análise de semelhanças e evocações**. Aix em Provence: LAMES-CRNS, 1992.

WACHELKE, J.; WOLTER, R. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, p. 521-526, 2011. https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400017